

Família convenceu Ustra a se defender

Brasília — “Se, contando essa história, se, desmascarando essa deputada, eu tiver cometido algum ato de indisciplina, aceito com humildade, mas com a consciência absolutamente tranqüila, a punição que as autoridades militares houverem por bem me dar”. Com essa frase, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra encerrou a entrevista que concedeu à TV Manchete, no exato momento em que era aguardado para lançamento de seu livro na Editerra Editorial, às 16h, ao qual ele não compareceu.

O coronel deixou claro na entrevista o seu objetivo ao lançar o livro: responder à deputada Bete Mendes, que o acusou de torturador. Um coronel, seu amigo de serviço, informou, no entanto, que os oficiais que servem no Estado-Maior do Exército, onde trabalha Ustra, sabiam que ele estava escrevendo o livro e iria lançá-lo por outro motivo: pressão da família.

Considerado uma pessoa tímida, o coronel Ustra sempre mostrou os seus serviços no setor de informações do Exército. Ele ouviu muito e fala pouco, explicou um colega de serviço, depois de informar que ultimamente, em todas as festas que freqüentava, o coronel sempre se preocupava em negar sua responsabilidade por agressões a presos políticos. A mulher, Josefa, e as filhas de Ustra sentiam-se constrangidas na ausência de uma defesa pública do coronel.

Com 55 anos de idade, declarado aspirante em 8 de maio de 1954, o

coronel Ustra já não tinha esperança de ser promovido a general devido ao episódio envolvendo a deputada Bete Mendes, quando ele servia como adido militar na embaixada do Brasil no Uruguai. “Não me engano”, comentou ele certa vez com um dos seus amigos numa solenidade militar.

Tornou-se evidente que o coronel ficou desgastado dentro do Exército com o episódio. A sua transferência para o Estado-Maior do Exército, em Brasília, foi acertada num encontro do ministro do Exército, general Leônidas Pires, com o presidente José Sarney, no Palácio do Planalto, após sua viagem ao Uruguai, explicou um oficial superior.

Punição e Herzog

Se o coronel ainda não tinha certeza de sua punição, um oficial com ligações no comando do Exército não via para ele outro destino, ao analisar o Regulamento Disciplinar do Exército, que proíbe que oficiais, suboficiais e praças da ativa se manifestem publicamente: “O general Pamplona, chefe do Estado-Maior do Exército”, — disse — “deve aplicar a ele punição semelhante a que receberam no ano passado os coronéis Cavagnaria e Basarov, além do capitão pára-queda Bolsonaro. Ou seja, prisão domiciliar ou na unidade militar — explicou a fonte. Esses oficiais emitiram opinião em público sem autorização dos superiores”.

Na entrevista concedida em sua casa, no Lago Sul, bairro que abriga residências luxuosas de Brasília, o coronel Brilhante Ustra explicou por que não mencionou no seu livro as mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manuel Fiel Filho: “Creio que as autoridades militares, que as autoridades judiciárias já deram as explicações que têm de dar. Pretendo afirmar, entretanto, que quando ocorreram esses fatos eu já não era mais comandante do DOI”.

Brilhante Ustra disse que não escreveu o livro com a intenção de reacender ódios, nem de revanchismo. Lembrou que chegou a ajudar alguns presos e que, com esse comportamento, não se sentiu como um militar “frouxo”. Sobre as acusações da deputada Bete Mendes, Ustra disse que a parlamentar cometeu uma “grande ingratidão”.

— Ingratidão porque eu intercedi não só a favor dela, mas a favor de todos os jovens que foram presos com ela. Porque eu declarei em juízo a favor dela. Isso está lá nos autos do processo. Porque eles tiveram tratamento especial, porque ela ficou presa no menor tempo possível.

Depois de desmentir que tenha pedido desculpas à deputada Bete Mendes no Uruguai, — “até porque não tinha motivos para isso” —, Brilhante Ustra negou que estivesse fazendo inconfiências, ao revelar segredos do DOI-CODI.

— Não, absolutamente, tudo o que está escrito é de pleno conhecimento da esquerda — argumentou.

712 10.03.80 P.12